

## O descentramento do sujeito pelo discurso e seus efeitos: relação entre o lugar social e a posição-sujeito no ato de dizer

Aurílio Soares da Silva<sup>1</sup>  
Francisco Neto Pereira Pinto<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, buscamos demonstrar como o lugar social determina a posição-sujeito no discurso, ao permutar pelas diferentes formações discursivas. Para isso, realizamos análises no discurso do então deputado estadual de São Paulo, Arthur do Val (Podemos), impulsionado pelo seu discurso de que as mulheres ucranianas “são fáceis porque são pobres”, para observarmos como o indivíduo que é interpelado em sujeito se constitui discursivamente, descentrando-se, em seu de dizer, ao representar posições-sujeito diversas a partir do lugar social ocupado. Assim, analisamos o caso, ainda que não exaustivamente, em três situações distintas, quais sejam: a) um áudio compartilhado pelo *WhatsApp*, em que expõe uma visão machista sobre as mulheres ucranianas; b) o discurso de retratação pelo que disse no áudio; e c) o discurso de defesa no processo de cassação de seu mandato em decorrência do que disse no áudio. Nas análises, observamos que, ao transitar por formações discursivas diversas, o sujeito se dispersa em posições-sujeitos distintas, no impasse da heterogeneidade discursiva, possibilitando-o permutar de uma posição machista, passando por uma postura responsável, chegando a uma manobra combativa, na busca de se desvencilhar do peso da responsabilidade no processo de cassação do mandato que lhe é imputado em decorrência daquilo que proferiu.

**Palavras-chave:** Posição-sujeito; Lugar social; Arthur do Val; Discurso machista.

### Introdução

No dia 05 de março de 2022, foi amplamente divulgado pela mídia nacional um áudio de autoria do então deputado do Estado de São Paulo Arthur do Val (Podemos), no qual afirmava que as mulheres ucranianas “são fáceis porque são pobres”. O áudio, que traz outras posições machistas e até misóginas, foi compartilhado pelo autor em um grupo de *WhatsApp*, ganhando ampla repercussão pelo modo como o parlamentar se direciona às mulheres, provocando a insatisfação e o repúdio de autoridades e de grupos de defesa dos direitos da

<sup>1</sup> Redator na Câmara Municipal de Araguaína. Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Graduado em Letras (Língua Portuguesa e respectivas Literaturas) pela Universidade Federal do Tocantins. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-6817-4472>. E-mail: [auriliosoaes@hotmail.com](mailto:auriliosoaes@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor Permanente na Universidade Federal do Norte do Tocantins. Professor colaborador na Universidade Federal do Norte do Tocantins. Doutor em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1452-4027>. E-mail: [fneto@mail.uft.edu.br](mailto:fneto@mail.uft.edu.br).

mulher. Isso, contudo, fez com que Do Val se retratasse imediatamente sobre o caso, colocando-se numa posição de quem não defende aquilo que disse anteriormente em áudio.

Diante disso, resta-nos questionar por que uma mesma pessoa se coloca, em um breve lapso temporal, na base de produção discursiva completamente distinta, por vezes negando questões que mencionou anteriormente, tentando reformular suas próprias concepções? Para explicar essa questão, buscamos amparo nas teorizações da Análise de Discurso (AD) de orientação pêcheuxtiana e orlandiana, pela qual o equívoco e a opacidade são propriedades fundantes da noção de língua na sua base materializadora do discurso.

Para a AD, a língua faz sentido porque se inscreve na história. Essa inscrição remete a sua exterioridade, que, atravessada por uma questão ideológica e pelo inconsciente, cria a noção de discurso. De outra parte, o discurso é condição de existência do sujeito, o qual, ao enunciar, estabelece-se uma posição no discurso, a posição-sujeito, atravessada por uma posição ideológica, que retoma dizeres historicamente sedimentados, da ordem do já-dito, pelo interdiscurso, reatualizando os efeitos de sentido nas condições em que é dado a significar. Segundo Orlandi (2010), essa relação estabelece a impressão da subjetivação, sendo, concomitantemente, o delineamento do vínculo entre língua e exterioridade, visto que não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, em que esta se mantém em um processo material e mutuamente correlacionado com o inconsciente (Orlandi, 2010).

Em vista disso, nosso objetivo neste trabalho é (de)mostrar como a posição-sujeito é determinante no cambiamento dos discursos e, por conseguinte, dos sentidos projetados pelo sujeito em cada condição de produção do dizer, em cada lugar social ocupado pelo enunciador. Isso é importante para percebermos como essa nuance pode demarcar posições divergentes e mesmo contraditórias por um mesmo sujeito, dissimulando, na opacidade discursiva, posicionamentos ideológicos, por vezes, intolerantes, discriminatórios e preconceituosos, que tendem a normalizar estereótipos sobre grupos historicamente marginalizados.

Para ilustrar essa questão, analisamos o caso, ainda que não exaustivamente, de Arthur do Val em três situações distintas, quais sejam: a) o áudio compartilhado pelo *WhatsApp*, em que expõe uma visão machista sobre as mulheres ucranianas; b) seu discurso de retratação pelo que disse no áudio; e c) seu discurso de defesa no processo de cassação de seu mandato em decorrência do que disse no áudio. Posto isso, analisamos o modo como o então deputado do Podemos-SP permuta por diferentes formações discursivas, dispersando-se em posições-sujeito

diversas, no impasse da heterogeneidade discursiva, entre efeitos de evidência e de apagamento sobre aquilo que diz, delineado em seu ato de dizer.

Além desta *Introdução* e das *Considerações complementares* ao final, este trabalho compõe-se de mais três partes, a saber: seção 2, *A questão do sentido: a Análise de Discurso e seus pressupostos teóricos/conceituais*, em que discutimos o modo como o sentido na língua é tomado por diferentes concepções teóricas, distintas do modo de fazer da AD; seção 3, *Movimento metodológico: dispositivo analítico*, em que propomos nossa metodologia baseada nos pressupostos teóricos e conceituais da AD; e seção 4, *A posição-sujeito dos lugares sociais ocupado por Arthur do Val e os efeitos de sentido decorrentes de seus enunciados*, em que realizamos nossos gestos de leituras no *corpus* de análise. Passamos à seção seguinte.

### **A questão do sentido: a Análise de Discurso e seus pressupostos teóricos/conceituais**

A Análise de Discurso francesa (AD), principiada por Michel Pêcheux no final da década de 1960, na França, se consagra como teoria discursiva por tomar os significados como sendo fruto de determinações histórico-ideológicas e sociais. Isso quer dizer que todas as manifestações linguísticas que mobilizamos em nossos enunciados significam, porque remetem à historicização do dizer que vem sendo constituído no decorrer dos anos, servindo de ancoragem da memória discursiva, a qual está amplamente correlacionada com o social, uma vez que “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (Courtine, 2009, p. 105-106). Além disso, os sentidos atribuídos a determinados constituintes simbólicos dependem da posição social que cada indivíduo ocupa e, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, constitui-o como sujeito do discurso ao se apropriar da língua(gem) para significar suas práticas cotidianas.

Uma das questões importantes na AD a ser pensada é o modo como essa teoria eleva um objeto simbólico de um nível empírico para um nível teórico, fazendo com que seja/esteja apto a receber as impressões do analista, ocasião em que se busca observar o dizer significando a partir de determinada condição de produção discursiva. Trabalharemos melhor essa questão na seção seguinte, mas, por enquanto, cabe a nós refletirmos sobre o modo como a AD trabalha

os sentidos a partir do exame de determinado elemento simbólico posto em análise. Para chegar a tal entendimento, precisamos recapitular as noções de sentido em outras perspectivas linguísticas, como veremos no tópico a seguir.

### **Projeção do sentido a nível da língua**

Os estudos que se propuseram a pensar e explicar a questão do sentido e do modo como a língua significa são vastos e diversificados. Em sua base mais canônica, retomamos as noções de Saussure (2012), para quem a língua significa a partir da noção de signo linguístico, sendo este um encadeamento simbólico entre um significado e um significante. Essa é uma noção meramente estrutural da língua na condição de sistema organizado de signos, em que os sentidos se estabelecem por uma noção de *valor*, marcado pelo lugar que cada elemento linguístico ocupa no sistema linguístico, numa relação de oposição, em que “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (Saussure, 2012, p. 164). Os sentidos, na percepção saussuriana, se dão pela convenção social estabelecida entre a representação mental e a realidade factual significada.

Nesse mesmo caminho, dois outros campos teóricos que trabalham com a questão do sentido nas situações conversacionais são os estudos pragmáticos e os estudos semânticos. Ressalvadas as polêmicas acerca das tentativas de delimitação de cada uma dessas áreas, podemos dizer que, enquanto a Semântica trabalha a noção de sentido num aspecto literal dos termos em análise, a Pragmática lida com a questão da intencionalidade e situacionalidade na base da significação. Segundo Paiva, Souza e Santos (2014), a Semântica se ocupa do sentido em *nível explícito*, trabalhando com o previsível e mensurável, já a Pragmática opera o sentido em *nível implícito*, lidando com as intenções do falante.

Essas percepções têm em comum o fato de trabalharem a nível da língua, isto é, tomam a própria língua como objeto de análise na busca de desvelar os sentidos e significados que dão base à comunicação humana. Contudo, neste trabalho, abordaremos uma outra noção de sentido que foge a essas concepções mencionadas anteriormente, a qual, apesar de tomar a língua como materialidade de análise, volta-se ao discurso como objeto de abordagem: estamos falando da

Análise de Discurso francesa (AD), de orientação pecheuxtiana e orlandiana, a qual abordaremos, em termos sucintos, no próximo tópico deste trabalho.

### **O sentido como efeito: construção histórica e ideológica do dizer**

Na AD, buscamos compreender como os sentidos se formam, como os dizeres significam o que significam, e isso remete ao fato de que os sentidos não advêm da estrutura linguística, como queria Saussure (2012). Eles provêm da exterioridade, do social, do modo como cada sociedade se organiza para significar seus atos, suas práticas e os objetos no mundo, estando fortemente relacionados a uma questão histórica e ideológica, entendendo ideologia aqui não pela ótica do senso comum, mas como um mecanismo imaginário que dá a ilusão de evidência e transparência aos sentidos, como se eles fossem unívocos e controláveis, apesar de não o serem, e que instauram uma unidade de sentido necessária à compreensão das palavras e/ou dos enunciados pela coletividade. Como diz Pêcheux (2014, p. 146),

É a ideologia que fornece as evidências [...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Para dimensionar a questão do sentido na AD, precisamos lançar mão do conjunto de dispositivos teóricos e pressupostos conceituais de que essa teoria dispõe, os quais são mobilizados à medida que o dispositivo analítico – construído pelo analista – demanda sua inscrição no desenvolvimento da análise de determinado trabalho em âmbito discursivo. Em vista do amplo arcabouço de pressupostos conceituais da AD, traremos, neste momento, apenas algumas destas noções, notadamente sobre *sujeito*, *posição-sujeito*, *formação discursiva* e *formação ideológica*, naquilo que são fundamentais para entender a questão do (efeito de) sentido na AD e para a compreensão das análises propostas neste trabalho.

Inicialmente, precisamos pensar que o sujeito é um efeito do discurso, constituindo-se na interpelação do indivíduo pela ideologia ao se apropriar da língua(gem), levando-o a marcar uma posição no ato de dizer, específico de uma formação discursiva (FD). Assim, apropriar-se do discurso é estar no espaço de uma FD, a qual determina a posição-sujeito, que delimita aquilo

que o sujeito pode e deve dizer daquilo que não pode e não deve dizer em determinada conjuntura sócio-histórica, delimitado pelas condições de (re)produção discursiva.

Com efeito, uma distinção importante, levando em consideração aquilo que estamos propondo neste trabalho, é a de *posição-sujeito* e de *lugar social*. Enquanto a posição-sujeito, como falamos, é teórica, melhor dizendo, é da ordem do discurso, constituída pelo efeito discursivo de apropriação da língua(agem); o lugar social, por sua vez, é a posição empírica, é a ocupação de um lugar no mundo real pelo indivíduo, na sua constituição como criatura sociabilizada, detentora de direitos e deveres institucionais, cultural e legalmente instituídos. Além disso, a posição social que o indivíduo ocupa influi diretamente na posição-sujeito, visto que o lugar ocupado na sociedade intervém naquilo que constitui a noção de sujeito, pela necessidade de assujeitamento e pelo viés ideológico, que amoldam a criatura na condição de sujeito do saber e, por conseguinte, de sujeito do discurso.

Nesse aspecto, o que nos cabe, neste trabalho, não é analisar o discurso do então deputado Arthur do Val na condição de indivíduo, como criatura apta a fazer uso da língua para se comunicar; cabe-nos apontar os efeitos de sentido que são decorrência da posição-sujeito, constituída em cada ato do dizer, tecendo as implicações que seus enunciados revelam a partir das relações discursivas que são possíveis, pelo assujeitamento discursivo e ideológico, retomando, intediscursivamente, dizeres com os quais o sujeito se identifica, para entendermos como esse discurso significa na conjuntura em que foi enunciado. Como diria Orlandi (2010, p. 95-96):

O sentido é história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia.

Por fim, a formação discursiva (FD) é o lugar de modulação e articulação do dizer. Apesar de suas fronteiras não serem bem definidas (Orlandi, 2010), caracterizando-se pela heterogeneidade discursiva, é considerado que uma FD demarca certas regularidades de discursos que operam com regras de funcionamento semelhantes e aproximadas. Apesar das

críticas a essa concepção (Teixeira, 2005), consideramos que a FD é uma noção essencial para a AD, sendo a base de referência na análise de discursos submetidos ao processo de perquirição pelo analista. Nesse sentido, o movimento no percurso analítico consiste em recorrer à materialidade linguística para alcançar a materialidade discursiva, ou seja, parte-se das pistas linguísticas para se chegar aos efeitos de sentido no discurso, o que significa dizer que o analista trabalha com a materialidade linguística em um percurso metodológico encampado na teoria pela qual se busca demonstrar os engendramentos pelos quais os sentidos são construídos. É desse percurso que trataremos no tópico a seguir.

### **Movimento metodológico: dispositivo analítico**

Nesta seção, trabalharemos a questão da metodologia na AD. Para isso, voltamo-nos a Orlandi (2010), que nos faz compreender essa abordagem dividida em *dispositivo teórico*, relativo a todo o conjunto conceitual da AD, e *dispositivo analítico*, remetendo à ordenação que determina a conduta do analista em seu empenho com o tratamento dos dados na busca por demonstrar o modo como os sistemas simbólicos, colocados em análise, fazem sentido. Como já mencionamos, para desenvolver este estudo, retomamos as falas de autoria do então deputado Arthur do Val (Podemos-SP) em três condições de produção discursiva distintas. Os fatos linguísticos que envolvem cada situação conversacional se diferenciam pelos lugares sociais ocupados pelo deputado, por meio dos quais se demarcam as posições-sujeito no seu ato de dizer, delimitando aquilo que ele pode e diz daquilo que ele não pode e, portanto, não diz em cada lugar social de enunciação.

Os recortes utilizados para análise foram retirados de reportagens do Portal de Notícias da Globo, o *GI*, onde foram disponibilizados em material escrito e em áudio; e no Uol Notícias. O primeiro recorte remete à fala do então deputado, em áudio compartilhado em um grupo do *WhatsApp* (aplicativo de mensagens instantâneas), em que ele fala de forma discriminatória e preconceituosa das mulheres ucranianas (Em áudios [...], 2022); o segundo recorte, também retirado de uma reportagem do *GI*, traz em áudio e por escrito uma (possível) retração de Arthur do Val sobre o áudio em que ele fala das mulheres ucranianas (Arthur [...], 2022); e o terceiro recorte, retirado do Uol Notícias (Martins, 2022), é um discurso do referido deputado, em uma

manobra política, na tentativa de deslegitimar seus julgadores e jogar a opinião pública contra os demais deputados no processo de cassação de seu mandato.

Tomando esses recortes como objeto de análise por via da AD, deslocamos nosso foco de uma questão meramente linguística para uma percepção discursiva. Isso significa dizer que nossa atenção analítica não é meramente as relações morfossintáticas ou mesmo semânticas a nível estrutural da língua, mas as relações (possíveis) desses dizeres com outros dizeres (interdiscurso) que (re)produzem os efeitos de sentido representativos do lugar de onde foi dito e o porquê foi dito, no atravessamento do indivíduo pela ideologia e pelo inconsciente, alçando-o à condição de sujeito do discurso. Portanto, “Estas etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico” (Orlandi, 2010, p. 77).

Em nosso delineamento interpretativo, buscamos observar como o sujeito enunciador “[...] sofre algumas determinações da ordem da exterioridade” (Grigoletto, 2005, p. 1), sobremaneira pelo modo como o discurso irrompe as determinações do real da história e da ideologia, fazendo com que os lugares sociais ocupados empiricamente determinem, de algum modo, a inscrição do sujeito em determinada formação discursiva (FD), produzindo o efeito de heterogeneidade discursiva.

É com essa percepção que tomamos os enunciados a serem analisados para perceber as implicações de sentido que têm em cada condição de produção, a qual faz manifestar cada posição-sujeito nesses lugares sociais transitados pelo sujeito enunciador em suas diferentes ocupações. Assim, é na articulação constante entre análise e teoria, movimento contínuo de descrição e interpretação (Orlandi, 2010), que procuraremos evidenciar os efeitos de sentido nos discursos do então deputado Arthur do Val, para entender o modo como o sujeito enunciador se marca por essas discursividades.

### **Posições-sujeito marcadas no discurso de Arthur do Val e os efeitos de sentido decorrentes de seus enunciados**

Além das questões histórica e linguística, a AD se apropria de uma perspectiva de traço subjetivo e de base psicanalítica, uma teoria de atravessamento (Pêcheux; Fuchs, 2014), que

articula as noções inerentes ao inconsciente, fator fundamental na constituição do sujeito do discurso. Pensando assim, temos que

[...] o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e, também, pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (Orlandi, 2010, p. 20).

Pode-se dizer então que a relação entre ideologia e inconsciente é a base de significação da língua, pois se, por um lado, é possível afirmar que “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2010, p. 46), por outro, temos que

[...] o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito” (Pêcheux, 2014, p. 139, grifo do autor).

Assim sendo, tomar o discurso em análise é explicitar o modo como o sujeito, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, deixa transparecer em seu discurso o equívoco, a ilusão de completude, fazendo evidenciar a contradição. Com essa observação, direcionamo-nos à primeira posição-sujeito destas análises.

### **Posição-sujeito 1: áudio compartilhado em grupo do WhatsApp**

O primeiro recorte que trazemos para análise diz respeito ao discurso do então deputado Arthur do Val que repercutiu nacionalmente pelo modo como ele se posiciona acerca das mulheres ucranianas. Neste recorte, buscamos mostrar que o sujeito enunciador se constitui a partir do lugar social em que ocupa, a nosso ver, não afetado pela condição de representante político de um estado, no caso, o Estado de São Paulo.

Trazemos, de início, todo o discurso referente à posição-sujeito 1, a qual será dividida em Recortes discursivos (Rd) para melhor organizar nossas análises. Vejamos, então, o discurso que constituirá esta posição:

**Posição-sujeito 1**

Acabei de cruzar a fronteira a pé aqui da... da Ucrânia com a Eslováquia. Maluco, é, eu juro por Deus, eu nunca na minha vida... ó, eu tenho 35 anos, cara. Eu nunca na minha vida, nunca, nunca vi nada parecido assim em termos de ‘mina’ bonita. Assim, a fila das refugiadas, irmão, assim... imagina uma fila, sei lá, de... sei lá, nem sei... tô sem palavras, cara. Uma fila, sei lá, de 200 metros, mais, só deusa, assim, só deusa, assim, só deusa. É só, é sem noção, cara, é inacreditável, é um bagulho assim fora de série. Se você pegar a fila da melhor balada do Brasil, a melhor, na melhor época do ano, não chega aos pés da fila dos refugiados aqui. Maluco, é, assim, eu ‘tô’ mal, eu ‘tô’ triste, assim, porque é inacreditável. Ah, e detalhe, hein, mano, detalhe, hein, detalhe, elas olham, cara, elas olham e vou te dizer, são fáceis, porque elas são pobres. E aqui, cara, é, meu, minha carta do Instagram, né, cheio de inscritos, funciona demais, funciona demais. Depois eu conto a história. Falei ‘nossa’, sério. Não peguei ninguém, mas eu coleí em duas ‘minas’, a gente não tinha tempo, em dois grupos de ‘mina’, e, assim, é inacreditável a facilidade. Essas ‘minas’ em São Paulo você dá ‘bom dia’ ela ia cuspir na tua cara e aqui elas são supersimpáticas, super gente boa, é inacreditável, inacreditável. Mano, eu ‘tô’ mal, ‘tô’ mal, ‘tô’ mal. Eu passei agora... são quatro barreiras alfandegárias, são duas casinhas na... em cada país. Mano, eu juro para vocês, eu contei: foram 12 policiais deusas, deusas, mas deusas, assim, que você casa e, assim, você faz tudo o que ela quiser. Assim, eu ‘tô’ mal, cara. Assim, eu não tenho nem palavras ‘pra’ expressar. Quatro, assim, quatro dessas eram ‘minas’, assim, que você, tipo... mano, nem sei o que dizer. Se ela cagasse, você limpa o c\* dela com a língua. inacreditável, inacreditável, cara. Assim que essa guerra passar eu vou voltar para cá. Ah, sim, elas são *gold diggers* que chama, né. Eu tenho... o Renan, ele faz uma viagem todo ano. É que, nos últimos três anos, ele não fez. Ele chama *Tour de Blonde*. Quê que ele faz, ele viaja os países e vai só pra pegar loira. Só que ele tem técnica já, ele já está avançado (Em áudios [...], 2022).

Nessa parte de nosso objeto de análise, referente à posição-sujeito 1, observamos uma narrativa em que o então deputado Arthur do Val relata sua saída da Ucrânia (país em conflito bélico) ao se deparar com a fila de refugiados tentando deixar aquele território, na fronteira com a Eslováquia. O relato se caracteriza pela surpresa diante do fato que presencia, notadamente pela enorme fila de mulheres, as quais ele caracteriza como de beleza excepcional.

Se atentarmos para o dito, em nosso primeiro gesto de interpretação, é possível perceber o modo como o sujeito opera determinados apagamentos, dando evidência a certos aspectos (ao mesmo tempo em que opera o apagamento de outros) em seu relato da realidade por ele presenciada. Dentre os refugiados (mulheres, homens, crianças, idosos) o que é notabilizado em seu discurso são as “mulheres bonitas” (diga-se: mulheres jovens, sadias e em idade sexualmente ativa, representativas de certo padrão de beleza socialmente instituído). A constituição do sujeito discursivo se faz na inscrição de uma formação discursiva (FD) típica

de indivíduos galanteadores e paqueradores. Esse aspecto é reforçado pelos termos utilizados, como marcas enunciativas, para se referir às mulheres, tais como “mina bonita” e “deusa”, que remetem a dizeres próprios de indivíduos sedutores em relacionamentos amorosos.

Como se pode observar no Rd-01 a seguir, a posição social ocupada por Do Val esboça o alicerce determinante da constituição do sujeito discursivo, a partir da condição de produção desse dizer. Vejamos:

#### **Rd-01**

Eu nunca na minha vida, nunca, nunca vi nada parecido assim em termos de ‘mina’ bonita. Assim, a fila das refugiadas, irmão, assim... imagina uma fila, sei lá, de... sei lá, nem sei... tô sem palavras, cara. Uma fila, sei lá, de 200 metros, mais, só deusa, assim, só deusa, assim, só deusa. É só, é sem noção, cara, é inacreditável, é um bagulho assim fora de série. Se você pegar a fila da melhor balada do Brasil, a melhor, na melhor época do ano, não chega aos pés da fila dos refugiados aqui. Maluco, é, assim, eu ‘tô’ mal, eu ‘tô’ triste, assim, porque é inacreditável (Em áudios [...], 2022, grifo nosso).

Notamos que o sujeito se filia a uma formação discursiva (FD) engendrada pelo discurso corriqueiro e trivial sobre a mulher, marcando a posição-sujeito desse dizer a partir do lugar social ocupado, que não representa as filiações discursivas de deputado, isto é, de uma autoridade, mas a posição de uma pessoa comum - entendendo aqui como pessoa comum, para efeito de distinção, aquela não provida da condição de autoridade -, apesar de ainda se encontrar investido no mandato, abrindo um furo em seu dizer, visto que o discurso não condiz com a posição social ocupada pelo sujeito enunciador.

Por conseguinte, evidencia-se o descentramento do sujeito em suas diversas posições, determinadas pela heterogeneidade discursiva, mobilizando saberes de diferentes categorias sociais: sobre a guerra, sobre o país (ucrânia), sobre festa, balada. Na demarcação dessa posição-sujeito, há retomadas de dizeres de âmbito corriqueiro e até mesmo vulgar, como, por exemplo, as expressões “é um bagulho assim fora de série”, “melhor balada do Brasil” e “Maluco, é, assim, eu ‘tô’ mal, eu ‘tô’ triste”, as quais reafirmam a ocupação de um lugar social que não é o de deputado.

Contudo, ao se inscrever nessa FD, com a qual se identifica, é possível dizer que esse posicionamento é constitutivo do sujeito, que é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, se marca por um dizer que conflita com a posição de deputado, ou seja, de uma autoridade que

representa a coisa pública, levando em consideração que, no ordenamento jurídico brasileiro, os agentes políticos são a cúpula de representação do ente federativo para o qual foram eleitos.

Seguindo nosso gesto de interpretação, o Rd-02, a seguir, reforça essa linha de análise, de um sujeito aliado a posições ideológicas conflitantes com a posição-sujeito de deputado, mostrando que o imaginário representativo de Do Val, nessa condição discursiva, está permeado por uma visão machista e misógina, imaginário de mulher objetificada, típica de uma sociedade paternalista. Vejamos:

#### **Rd-02**

Ah, e detalhe, hein, mano, detalhe, hein, detalhe, elas olham, cara, elas olham e vou te dizer, são fáceis, porque elas são pobres. E aqui, cara, é, meu, minha carta do Instagram, né, cheio de inscritos, funciona demais, funciona demais (Em áudios [...], 2022, grifo nosso).

Nessa conjuntura, o sujeito discursivo se fragmenta em formas-sujeito distintas, perpassando de um sujeito galanteador para um sujeito machista, que vai se constituindo por um discurso incursionado na vulgaridade, sobremaneira no trato com as mulheres, demonstrando alinhamento discursivo próprio de indivíduos misóginos. Esse efeito de sentido é percebido pelo dito “elas olham, cara, elas olham e vou te dizer são fáceis, porque elas são pobres”, o qual remete a um número indeterminado de já-ditos que atualizam uma memória discursiva ancorada em comportamentos e atitudes de menosprezo à condição da mulher em sociedade, apagando outras características, traços e atributos do feminino, ao dar evidência apenas à questão meramente sexual.

Respaldados na ótica da AD, podemos dizer, em termos sucintos, que o preconceito, numa visão geral, constitui-se pela manifestação das relações de poder em determinada sociedade, o qual se expressa pelo interdiscurso e vai sendo incorporado a sistemas de poder-saber, moldando percepções, identidades e práticas sociais. O preconceito sobre o gênero feminino, por sua vez, faz-se pela identificação do sujeito à determinada formação discursiva (FD) que retoma discursos historicamente sedimentados, representativos de Formações ideológicas (FIId) que colocam a mulher numa posição inferior e mesmo de subalternidade ao homem.

Por essa perspectiva, identificamos no discurso do então parlamentar, vestígios enunciativos de alguém que recusa a igualdade de direitos e deveres entre gêneros,

sobremaneira entre o masculino e o feminino, alicerçado em manifestações de endeusamento da mulher que funciona fundamentado na concepção do “sexo frágil”, do “sensível”, do “vulnerável”, discurso engendrado pelo imaginário que concebe o homem não somente como indispensável, como também prevalecente à posição da mulher nas diversas situações de (con)vivência social.

Ainda sobre esse recorte, e perseguindo nosso gesto de interpretação que coloca o sujeito enunciador numa posição de galanteador, vislumbramos essa atitude no Rd-02 delineada no seguinte enunciado “É aqui, cara, meu, minha carta do Instagram, né, cheia de inscritos, funciona demais”, em que o sujeito manifesta o imperativo de interesse na relação amorosa, evidenciando aquilo que funciona como manobra e estratégia no jogo de sedução e de atração. Esse jogo, contudo, é operado a partir da relação “rico x pobre”, baseando-se em um suposto interesse das mulheres refugiadas pela guerra na Ucrânia. Mais uma vez, é possível vislumbrar, pelos vestígios enunciativos, uma sobreposição do sujeito enunciador (homem, rico) às mulheres (pobres, necessitadas, refugiadas).

Ademais, ao se colocar nessa posição de rico (e, por isso, e somente por isso, olhado e desejado), contrastando com a posição de pobre das mulheres ucranianas, que olham (para os ricos) por interesse em bens materiais e não em relacionamentos permeados de afeto e sentimento, faz emergir as premissas capitalistas, mecanismos discursivos que colocam a sociedade dicotomizada na relação entre aqueles que possuem bens materiais e aqueles que não os possuem, alçando o capital como fundamento da existência humana em sociedade, inclusive colocando-o, no caso em apreço, acima de quaisquer valores éticos e morais.

Avançando em nossas observações, no Rd-03 a seguir, há uma comparação entre as mulheres ucranianas e as de São Paulo, fazendo um contraponto ideológico entre refugiadas e não refugiadas, como segue:

### **Rd-03**

Depois eu conto a história. Falei ‘nossa’, sério. Não peguei ninguém, mas eu coleí em duas ‘minas’, a gente não tinha tempo, em dois grupos de ‘mina’, e, assim, é inacreditável a facilidade. Essas ‘minas’ em São Paulo você dá ‘bom dia’ ela ia cuspir na tua cara e aqui elas são supersimpáticas, super gente boa, é inacreditável, inacreditável (Em áudios [...], 2022, grifo nosso).

Como é possível observar nesse recorte discursivo, o sujeito, ao retratar seu contato com as mulheres refugiadas, coloca em evidência não os problemas que sobrevivem da conjuntura sócio-histórica decorrentes de um país em guerra, mas sim o modo cortês e educado das mulheres ucranianas lidarem com outras pessoas, o que foi compreendido pelo sujeito enunciador, na conjuntura dessa discursividade, como mulheres “fáceis”, libertinas, sexualmente desregradadas. Além disso, o comparativo que coloca *refugiadas* e *não refugiadas* em correlação projeta um efeito de sentido de que “mulheres que são educadas e gentis são fáceis”. Em contrapartida, para não serem fáceis, as “mulheres precisam ser desagradáveis e mal-educadas”, o que marca essa posição-sujeito inscrita em formações discursivas e formações ideológicas machistas, reforçando estereótipos de gênero, uma vez que expressa um juízo de valor baseado em moralidade com vista à vida sexual de alguém, contribuindo para estigmatização da mulher em sociedade.

Esse posicionamento funciona por meio do apagamento de todas as outras possibilidades que podem levar alguém a ser gentil. Como efeito de exemplificação, poderia se pensar, por exemplo, no apagamento das condições precárias de pessoas que são forçadas a deixar seus lugares de origem e encontram-se em situações de vulnerabilidade ocasionadas pelo cenário de guerra. Em todo caso, o discurso machista proferido pelo então deputado evidencia aquilo que é constitutivo do sujeito Arthur do Val que, perpassado pelo inconsciente e pela ideologia, deixa aflorar suas perspectivas, concepções, visões, as quais emergem, na instância do discurso, manifestando aquilo que, muitas vezes, é contrário aos valores amplamente professados pela sociedade atual.

A seguir, podemos testemunhar, no Rd-04, mais uma vez, um discurso delineado por uma postura grosseira, incivilizada e estúpida com que o sujeito enunciador se marca na relação com as mulheres ucranianas. Vejamos:

#### **Rd-04**

Mano, eu ‘tô’ mal, ‘tô’ mal, ‘tô’ mal. Eu passei agora... são quatro barreiras alfandegárias, são duas casinhas na... em cada país. Mano, eu juro para vocês, eu contei: foram 12 policiais deusas, deusas, mas deusas, assim, que você casa e, assim, você faz tudo o que ela quiser. Assim, eu ‘tô’ mal, cara. Assim, eu não tenho nem palavras ‘pra’ expressar. Quatro, assim, quatro dessas eram ‘minas’, assim, que você, tipo... mano, nem sei o que dizer. Se ela cagasse, você limpa o c\* dela com a língua. inacreditável, inacreditável, cara (Em áudios [...], 2022, grifo nosso).

Nesse recorte, além da questão já mencionada, referente ao modo como o sujeito se marca discursivamente pela relação de flertagem com as refugiadas, destacamos uma contraposição discursiva, marcando-se pela opacidade discursiva, quando diz: “eu tô mal, cara”, numa possível manifestação de sentimento de consternação pelas circunstâncias em que aquele país e seus cidadãos se encontram diante do sofrimento decorrente da guerra. Essa manifestação vem sendo recobrada no decorrer de todo seu dizer, demonstrando o descentramento do sujeito clivado pelo inconsciente, traço dispersante que joga com o equívoco, com o mal-entendido, provocando o efeito de ambiguidade, de indeterminação, que rompe com a univocidade, com a homogeneidade do sujeito e do dizer.

Apesar disso, ainda nesse mesmo recorte, o sujeito retoma sua posição sedutora, galanteadora, ao se direcionar às mulheres supostamente bonitas, agora não mais somente às refugiadas, mas inclusive às policiais. Observemos que, no dito “foram 12 policiais deusas, deusas, mais deusas, assim, que você casa e, assim, você faz tudo o que ela quiser”, faz funcionar uma memória discursiva perpassada por já-ditos que sedimentam o imaginário do sujeito enunciador, engendrado na lógica de que a beleza sobressai quaisquer outras virtudes que uma mulher pode ter. Por esse gesto de interpretação, há uma sobreposição da beleza física sobre outros valores, remetendo a um imaginário de que a característica fundamental da mulher para se casar é corresponder a um determinado padrão de beleza, operando um efeito de apagamento dos demais atributos que se espera não somente da mulher, mas de qualquer pessoa em convivência social, sobremaneira na relação conjugal.

Destacamos mais uma vez, que o lugar social ocupado pelo sujeito Do Val se distancia do lugar historicamente atribuído a um deputado. É um lugar que permite o sujeito dizer o que diz, por exemplo, mencionar termos chulos, obscenos, de baixo calão, tais como no seguinte enunciado: “Quatro, assim, quatro dessas eram ‘minas’, assim, que você, tipo... mano, nem sei o que dizer. Se ela cagasse, você limpa o c... dela com a língua, inacreditável”, discurso representativo de pessoas tidas como pervertidas e indecentes, marcando a especificidade desse lugar social (representado pelo grupo de *WhatsApp*) constituído de sujeitos que (com)partilham de posições ideológicas equivalentes.

O lugar social ocupado pelo sujeito Do Val, nas condições de produção do discurso aqui em análise, é, como já mencionamos, o de galanteador, paquerador, que busca relacionamentos com fim de diversão, conflitante, portanto, com o lugar de deputado, histórico-social e

legalmente determinado. No último recorte referente a esta posição, o sujeito se marca com maior evidência acerca dessa questão, conforme se nota a seguir:

**Rd-05**

Assim que essa guerra passar eu vou voltar para cá. Ah, sim, elas são gold diggers que chama, né. Eu tenho... o Renan, ele faz uma viagem todo ano. É que, nos últimos três anos, ele não fez. Ele chama *Tour de Blonde*. Quê que ele faz, ele viaja os países e vai só pra pegar loira. Só que ele tem técnica já, ele já está avançado (Em áudios [...], 2022, grifo nosso).

Ao demonstrar a intenção de voltar ao país (Ucrânia) após a guerra, com intenção expressamente declarada de fazer *Tour de Blonde*, o sujeito se implica naquilo que a Organização Mundial do Turismo (OMT) define como turismo sexual, isto é, “[..] viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele, utilizando as suas estruturas, com a principal intenção de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino” (Teófilo, 2022, p. 913), reforçando nosso gesto de interpretação do modo como o sujeito Do Val se marca discursivamente por uma posição galanteadora.

Observemos que a posição-sujeito é engendrada por imaginários que vão instituindo traços e atributos constitutivos do sujeito Do Val, na ilusão de representar sua visão de mundo espelhada no outro, por exemplo, considerando que as mulheres são “*gold diggers*”, expressão do inglês que se refere a pessoas com “segundas intenções”, no caso, pessoas que se envolvem em relacionamentos amorosos com interesse em bens materiais. Essa criação imaginária é necessária à demarcação da posição-sujeito, que almeja, à similaridade de seu amigo Renan, realizar o “*Tour de Blonde*”, ou seja, *viajar os países para pegar loira*.

A partir dessas observações, traçamos uma relação entre “turismo sexual” e “exploração sexual”, a qual o discurso do sujeito Do Val faz emergir. A base de constituição do imaginário do sujeito sobre o relacionamento com as mulheres ucranianas se faz não apenas pelo interesse delas (*gold diggers*), mas, sobretudo, pelas condições de carência, de desamparo, e mesmo de miséria que coloca essas mulheres no cenário propício à exploração. Portanto, na FD representativa desse dizer, o sujeito se marca na posição ideológica que remete a abuso, à exploração que vê a situação de pobreza como oportunidade para tirar proveito e vantagem, colocando-se numa posição privilegiada no sopesamento dessa relação.

Assim, nessa posição-sujeito, o discurso demarca a posição social ocupada, que pode dizer o que diz por se inscrever numa FD que não é a de deputado, revelando um sujeito identificado com um discurso de promiscuidade, de preconceito e de menosprezo à condição da mulher em sociedade, negligenciando todo um aparato de valores éticos e morais, apagando as virtudes e os atributos das mulheres em suas lutas por igualdade e por reconhecimento social.

Com isso, direcionamo-nos à posição-sujeito 2, na qual contrastaremos o discurso do sujeito Do Val com essa posição-sujeito que acabamos de analisar.

### **Posição-sujeito 2: discurso de retratação de Arthur do Val**

Nesta posição-sujeito, observamos que o indivíduo ocupa a posição social de deputado, retomando discurso específicos desse lugar, na constituição de um sujeito que se marca por discurso inculpido nos hábitos e valores que representam as normas e os modelos característicos e adequados à posição de representante político, mobilizando os dizeres próprios dessa posição social. Nesse caso, apesar de não negar o que disse na posição-sujeito 1, em vista da impossibilidade, contesta a posição ideológica demarcada no seu dizer, alegando equívoco (do sujeito) ou o mal-entendido (do interlocutor).

Vejamos, a seguir, o discurso concernente a essa posição, da qual realizamos, logo após, os recortes discursivos para análises pontuais:

#### **Posição-sujeito 2**

Foi errado o que eu falei, não é isso que eu penso. O que eu falei foi um erro, em um momento de empolgação. Eu fui fazer uma coisa, mandei um áudio infeliz e a impressão que passou é que fui fazer outra coisa. Se as pessoas querem me julgar, elas têm o direito. Eu só quero que entendam que são contextos diferentes. Uma coisa é o Arthur que foi lá fazer a missão. Outra coisa é o Arthur que já tinha saído (da Ucrânia, após a viagem) e mandou um áudio em grupo privado, para os amigos dele, de forma errada, descabida, não foi na melhor das posturas, é nítido aquilo. Mas, como eu te falei, é um áudio privado (Arthur [...], 2022).

O discurso do sujeito se marca por uma postura ponderada, prudente, assinalada pelo bom senso, adequada aos padrões sociais historicamente exigidos para se ocupar o lugar social e discursivo de deputado. Agora, é desse lugar social de onde o discurso emana, ecoando dizeres

dessa posição-sujeito. Por isso, Orlandi (2010) nos mostra que o sujeito é intercambiável em decorrência das posições sociais que o indivíduo ocupa, na medida em que vai transitando por diferentes FDs. O discurso é, nesse caso, apenas retomado em sua lógica enunciativa (como seria por qualquer outro sujeito imbuído nessa mesma condição). Portanto, é a posição que fala, que diz, que dá identidade ao sujeito a partir do que diz, fazendo com que suas palavras signifiquem (Orlandi, 2010).

Dessa, levando em consideração que o sujeito, a partir da FD em que se encontra, dimensionada pelo lugar social ocupado, precisa dizer determinadas coisas ao mesmo tempo em que não pode dizer outras. É nesse impasse que Do Val busca se retratar do que disse anteriormente, em que, mesmo não negando seu discurso, intenta negar a posição ideológica e o(s) efeito(s) de sentido gerados pelos seus enunciados, conforme percebemos na posição-sujeito 1. Vejamos esse impasse no recorte a seguir:

**Rd-06**

Foi errado o que eu falei, não é isso que eu penso. O que eu falei foi um erro, em um momento de empolgação. Eu fui fazer uma coisa, mandei um áudio infeliz e a impressão que passou é que fui fazer outra coisa. Se as pessoas querem me julgar, elas têm o direito. Eu só quero que entendam que são contextos diferentes (Arthur [...], 2022, grifo nosso).

Uma questão interessante para se refletir por meio da AD é a negação da realidade discursiva, isto é, por que um discurso que gera atrito, que causa certo embate ideológico, tende a ser redimensionado pelo sujeito enunciatador, buscando compatibilizar os sentidos daquilo que disse com os padrões sociais instituídos? É o que observamos com Arthur do Val em seu discurso de retratação.

Pensando na AD, com base na Psicanálise, conforme já frisado, o sujeito é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente e, por isso mesmo, está sujeito ao descentramento, ao equívoco e, por sua existência e pela linguagem, está sujeito ao atropelos languageiros, como ensina Orlandi (2010). Esse funcionamento se dá pelo esquecimento, dentre eles o de que não temos controle sobre aquilo que falamos. Diante disso, retomamos esse impulso discursivo (descontrole) na dimensão do equívoco, do mal-entendido, do lapso. E ao permutar de um lugar social a outro, pela descentralização do sujeito, ocupando posições discursivas diversas, dá-se conta desse impasse no dizer. No entanto, essa instabilidade discursiva é constitutiva do sujeito,

e proveniente, em parte, dos diversos lugares sociais que ocupa, atravessado pelo real do inconsciente e da ideologia, de cuja materialidade discursiva emana.

Esse descentramento do sujeito pode muito bem ser compreendido a partir da máxima freudiana de que o “*eu* não é senhor na sua própria casa”. O *eu*, neste caso, refere-se à parte consciente da psique, cujos processos o sujeito pode manejar para este ou aquele fim. Em seu texto, “Uma dificuldade da Psicanálise”, de 1917, Freud (2010, p. 250) compara o *eu* a “um rei absoluto, que contenta com os dados fornecidos por seus principais cortesões e não desce até o povo para escutar a voz dele”. O fato é que, de acordo com esse autor, o que é psíquico não coincide inteiramente com a consciência, ou seja, muitos outros processos acontecem no psiquismo e o *Eu* não fica sabendo. Dito de outro modo, do que acontece entre o povo o rei absoluto de nada fica sabendo, o que autoriza Freud a afirmar que a soberania do rei – o *Eu* – não passa de uma “ilusão narcísica”.

Os domínios do povo, onde o *eu soberano* não exerce soberania, já havia sido identificado por Josef Breuer e Freud como “a outra cena”, o inconsciente, em *Estudos sobre a histeria* (2016). Nesta direção, também é muito conhecida a máxima do psicanalista francês Jacques Lacan (1998, p. 521), em seu texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. Para os propósitos de nossa argumentação, interessa-nos, do ponto de vista analítico, não somente o que o sujeito diz enquanto produto de sua consciência, mas também o que diz à revelia do seu querer. É esse efeito de sentido que se pretende evidenciar, em AD, ao afirmar que o sujeito é cindido, descentrado, que o seu dizer produz sentidos aquém e além do previamente pretendido, do conscientemente planejado.

Retornando ao Rd-06, notamos claramente isso quando o sujeito menciona que *foi errado o que ele falou e que não pensa daquela forma*, buscando redimensionar um dito seu, que foi claramente proferido pelo mesmo “indivíduo” (na dimensão de um sujeito fragmentado pelo dizer), que agora tenta (re)modular aquilo que disse, pela inscrição do sujeito nesse lugar de instabilidade do dizer. O “erro”, neste caso, pode ser tomado apenas em relação a um cálculo lógico, que considera o *certo* e o *errado* tendo como referência uma certa moral vigente que censura seu dizer. Do ponto de vista da AD, há apenas o dito – errado do ponto de vista do *eu*, da consciência, mas bem-sucedido do ponto de vista do inconsciente. Em ambos os casos, há apenas um responsável, o sujeito que se coloca na origem do seu dizer. O que se vê, então, é

que, por mais que o dizer, tomado em seu formato abreviado, se configura como unidade (necessária à compreensão), a essência de constituição do discurso é a imprecisão de sentido, pois joga com a opacidade, em que “O equívoco surge como indício de rompimento da consistência desses espaços estabilizados logicamente, testemunhando a sua não completude” (Tfouni; Prottis; Bartijotto, 2017, p. 143).

Assim, em sua sensatez, pouco importa se Do Val pensa ou “não pensa daquela forma”. O que, de fato, conta é que ele disse o que disse e, nesse sentido, pode-se dizer, como Lacan (1998), que, lá onde não pensa, ele é e, lá onde é, ele não pensa. De qualquer modo, tanto em um caso como no outro, trata-se, sempre, do sujeito Do Val que, inclusive, reconhece isso, buscando, entretanto, fazer essa clivagem jogar a seu favor, com o objetivo de desresponsabilizar-se pelo seu discurso, como se pode perceber no Rd a seguir:

#### **Rd-07**

Uma coisa é o Arthur que foi lá fazer a missão. Outra coisa é o Arthur que já tinha saído (da Ucrânia, após a viagem) e mandou um áudio em grupo privado, para os amigos dele, de forma errada, descabida, não foi na melhor das posturas, é nítido aquilo. Mas, como eu te falei, é um áudio privado (Arthur [...], 2022, grifo nosso).

Ainda numa postura responsável, o discurso que observamos nessa posição-sujeito 2 vai se marcando pela tentativa de afastar o *sujeito-deputado* do discurso do *sujeito-galanteador* da posição-sujeito 1, buscando colocar uma fronteira entre sua vida pública e sua vida privada. No entanto, esse argumento não se sustenta na medida em que as duas posições-sujeito, por mais que sejam constitutivas de lugares sociais diversos, são resultantes do mesmo sujeito, de suas ideologias, das condições sócio-históricas que dão base de existência à criatura Arthur do Val. Tanto é assim que a responsabilidade pelo que fala recai no mesmo indivíduo, o qual responde, na condição de sujeito de direito (e de deveres), por aquilo que fala.

Como veremos a seguir, na posição-sujeito 3, há um outro engendramento discursivo pleiteado por Arthur do Val que se distingue das posições anteriores, na ocasião em que o sujeito-deputado é chamado à responsabilidade por aquilo que disse, na tentativa de se defender da acusação de conduta incompatível com o decoro parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp).

### Posição-sujeito 3: discurso de Arthur do Val no Conselho de Ética da Alesp

Nesta posição-sujeito, identificamos um discurso marcado pela atitude desesperada de Arthur do Val se defender do processo de cassação do mandato de deputado. Desta vez, o modo como se comporta o ainda deputado, em sua estratégia discursiva, parte do lugar social de réu, isto é, aquele que está sendo julgado por uma conduta condenável e se vê diante da necessidade de se defender das acusações. Essa postura discursiva desesperada se marca por um discurso mais agressivo, conforme o próprio Do Val menciona em uma entrevista ao canal do *YouTube*, *Inteligência Ltda*, no dia 11 de abril de 2022, data anterior à votação que decidiria sua cassação pelo Conselho de Ética da Assembleia Legislativa de São Paulo, quando afirmou haver grandes possibilidades de ser cassado, proferindo os seguintes dizeres: “então, eu vou para cima e vou falar a minha versão e vou cair atirando” (Vilela, 2022, 05:01).

Conforme vemos nos dois recortes discursivos a seguir, o sujeito Do Val se marca, em seu discurso no Conselho de Ética da Alesp, por uma postura combativa, de um discurso direcionado e previamente elaborado, fazendo acusações, numa tentativa de deslegitimar aqueles que votariam pela sua cassação. Vejamos o Rd-08:

#### Rd-08

A verdade é que todos aqui me odeiam. Eu não nego isso. Além de toda minha conduta, vamos tirar a parte de ser combativo, esses fatos menores de eu não usar carro, motorista, verba de gabinete... Isso tudo já irrita todo mundo. Esse é um processo de cassação pelas minhas virtudes. Porque eu não sou como o PT [Partido dos Trabalhadores] que tem de ser escravo do Lula (Martins, 2022, grifo nosso).

Como se pode observar, o sujeito discursivo, demarcado pela FD na qual se encontra, lança-se ao jogo discursivo na relação historicamente estabelecida entre *acusado x acusador*, *réu x juiz*, que vai permeando deslocamentos discursivos que tendem a apagar o efeito do processo, colocando-se numa posição de vítima, na relação de *perseguido x perseguidor*. Esse efeito de sentido fica evidente pelas marcas discursivas, como “todos aqui me odeiam”, uma forma de tentar incutir a ideia de imparcialidade na votação, numa manobra que busca anular seu processo com a alegação de falta de neutralidade no julgamento.

Nesse leva, o sujeito reconhece que irá ser cassado. Apesar disso, não se deixar abater pelo possível resultado de cassação, como constatamos a seguir no último recorte em análise, em que há a reiteração dessa impetuosidade de sobrevivência no campo político:

**Rd-09**

É claro que vocês vão cortar minha cabeça aqui hoje. É claro que vou ser cassado. Mas vão nascer outras [cabeças] no lugar. Gostaria de fazer uma aposta com vocês: a eleição é em outubro, vamos ver qual vai ser o resultado em novembro deste ano? (Martins, 2022, grifo nosso).

O discurso retoma esse efeito de sentido que remete à relação antagônica representativa de inimigos de guerra, mobilizando memórias de um conflito que coloca em jogo a própria sobrevivência dos opositores, como é na guerra. Esse efeito se dá pelas escolhas enunciativas, como, por exemplo, a substituição de “vocês vão cassar meu mandato” por “vocês vão cortar minha cabeça”, efeito de uma memória que remete às condições dos conflitos antigos, quando os perdedores do confronto eram degolados. Esse engendramento discursivo alicerçado numa suposta violência tem como função produzir efeito de crueldade decorrente do processo de cassação, no qual o sujeito cassado está sendo vítima de injustiça, arbitrariedade, ou mesmo de um ato inadmissível, operando o pagamento de todos os fatos e circunstâncias que fundamentam a instauração do procedimento.

Assim, esta posição-sujeito marca uma postura discursiva que se diferencia claramente das duas anteriores, porque o lugar social de onde se enuncia demarca esse movimento de sentido, fazendo com que o sujeito permute por formações discursivas diversas, mobilizando em seu dizer aquilo que é possível e, portanto, necessário ser dito e, ao mesmo tempo, apaga o que não pode e não deve ser dito, constituindo-se pela heterogeneidade discursiva.

A cassação do mandato do deputado Arthur do Val foi confirmada pelo Plenário da Assembleia Legislativa de São Paula (Alesp), em 17 de maio de 2022, após ter sido aprovada pelo Conselho de Ética da Alesp em 12 de abril do mesmo ano. Isso nos mostra que, apesar de haver um descentramento do sujeito no ato de enunciar, materialidade discursiva que, em grande parte, é determinada por questões inconscientes, há uma base instituidora discursiva responsiva, sujeito de direito (e de deveres) que responde social e legalmente por aquilo que fala.

### Considerações complementares

O discurso e o sujeito estão na base de formação do dizer, numa relação de coexistência mútua em que um subentende o outro (Orlandi, 2010). Contudo, tanto o sujeito como o discurso precisam de uma ancoragem que os fazem ser exequíveis, quais sejam, o indivíduo e as condições de produção do dizer. Neste trabalho, realizamos uma abordagem para mostrar como o lugar social demarca a posição-sujeito no discurso, a qual fragmenta o sujeito em múltiplas posições, sujeito heterogêneo que permuta por diferentes formações discursivas, levando-o a desempenhar papéis discursivos, por vezes, completamente diferentes. Por isso, é possível, como demonstramos nas análises do discurso de Do Val, permutar de uma posição machista, passando por uma postura responsável, chegando a uma manobra combativa, na busca de se desvencilhar do peso da responsabilidade que lhe é imputada por aquilo que enuncia.

O que sobressalta em nossa abordagem é o modo como um mesmo sujeito se desdobra em diferentes identidades discursivas, atravessado por variadas posições ideológicas. E não é o fato de a pessoa ocupar o lugar de autoridade, representante política ou outra incumbência qualquer, que a torna isenta de concepções preconceituosas e discriminatórias. Além do mais, não devemos achar que o discurso machista de Do Val é um caso isolado no Brasil. Como dissemos, com base na AD, o discurso não nasce do nada, há uma teia de relações interdiscursivas que mantêm a memória social do dizer, a qual vai sendo constantemente retomada, reatualizada e realocada em novos dizeres, em novas condições de produção do enunciado. O grupo de *WhatsApp* (e seus integrantes) em que o então deputado compartilha o áudio corresponde a esse lugar onde tais discursos são (estão) naturalizados, ou seja, é condição natural de (re)produção desse discurso machista, misógino, de objetificação da mulher, conforme dispomos neste trabalho.

Por fim, pensar essas questões é importante para percebermos como determinadas posições-sujeito estão carregadas de ideologias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias. Nesse caso, a AD, com seu arcabouço teórico e metodológico, é um meio eficaz para se trazer à evidência esses impasses que são, muitas vezes, dissimulados pela opacidade na língua e pela não evidência do sentido, constitutivos do discurso e do sujeito.

## Referências

ARTHUR do Val reconhece áudios como dele: ‘tá errado o que eu falei, não é isso que eu penso, o que falei foi um erro, em momento de empolgação’. *GI*, São Paulo, 2022. Não paginado. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/03/05/arthur-do-val-reconhece-audios-como-dele-ta-errado-o-que-eu-falei-nao-e-isso-que-eu-penso-o-que-falei-foi-um-erro-em-momento-de-empolgacao.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BREUER, J.; FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. *In*: FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 2. p. 19-38. (Obras completas). Originalmente publicado em 1895.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

EM ÁUDIOS, Arthur do Val disse que ucranianas são ‘fáceis, porque são pobres’, OUÇA. *GI*, Paulo, 2022. Não paginado. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/03/05/em-audios-arthur-do-val-disse-que-ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres-ouca.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FREUD, S. Uma dificuldade da Psicanálise. *In*: FREUD, S. *História de uma neurose infantil ('O homem dos lobos')*. Além do princípio de prazer e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14. p. 241-251. (Obras completas). Originalmente publicado em 1917.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 11., 2005, Recife. *Anais [...]*. Recife: UFPE, 2005. p. 1-11. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/simposios-ii-sead>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533. Originalmente publicado em 1957.

MARTINS, L. Arthur do Val muda estratégia ‘pós-áudio’ e volta a discurso combativo. *UOL*, São Paulo, 2022. Não paginado. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/13/arthur-do-val-conselho-de-etica-cassacao.htm>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PAIVA, F.; SOUZA, J. W. A. de; SANTOS, M. L. M. Os limites entre a semântica e a pragmática para além do contexto. *In*: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO NORDESTE, 25., 2014, Natal. *Anais [...]*. Natal: EDUFRN, 2014. Não paginado. Disponível em: <https://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/483.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Originalmente publicado em 1916.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TEÓFILO, R. S. de A. O lado escuro da Cidade da Luz: exploração sexual como atrativo turístico em Fortaleza/Ceará. In: BRAGA, D. L. S. (org.). *Pesquisas e inovações em Ciências Humanas e Sociais: produções científicas multidisciplinares no século XXI*. Rio de Janeiro: Instituto Scientia, 2022. v. 3. p. 909-927. Disponível em: [https://institutoscientia.com/wp-content/uploads/2022/11/Livro-Humanas-Sociais-Volume\\_3.pdf](https://institutoscientia.com/wp-content/uploads/2022/11/Livro-Humanas-Sociais-Volume_3.pdf). Acesso em: 11 abr. 2024.

TFOUNI, L. V.; PROTTIS, M. M. M. L.; BARTIJOTTO, J. “... lá onde o amor é tecido de desejo ...”: lalangue e a irrupção do equívoco na língua. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 141-159, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v39n36/v39n36a08.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

VILELA, R. Arthur do Val - Inteligência Ltda. Podcast #457. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (133 min). Publicado pelo canal Inteligência Ltda. Não paginado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bskzkivvnII>. Acesso em: 10 abr. 2024.

## **The subject's decentering through discourse and its effects: relationship between social position and subject position in speech**

**Abstract:** In this paper, we aimed to demonstrate how social position determines the subject position in discourse, by shifting through different discursive formations. To achieve this, we conducted analyses on the discourse of the current São Paulo State deputy, Arthur do Val (Podemos), driven by his statement that Ukrainian women are easy because they are poor, in order to observe how the individual is interpellated into a subject when he is discursively constituted, decentering itself in its speech by representing diverse subject positions based on the individual's social position. Therefore, we analyzed the case, although not exhaustively, in three different situations, namely: a) an audio shared via WhatsApp, in which he expresses a sexist view of Ukrainian women; b) the apology speech for what was said in the audio; and c) the defense speech in the process of his mandate's revocation due to what was said in the audio. In the analyses, we observed that, as the subject moves through different discursive formations, the subject disperses itself into different subject positions, amidst the impasse of discursive heterogeneity, allowing it to shift from a sexist position, through a responsible stance, to a combative maneuver, in an attempt to disassociate from the weight of responsibility in the mandate revocation process attributed to him due to what he uttered.

**Keywords:** Subject position; Social position; Arthur do Val; Sexist discourse.

**Recebido em:** 22 de maio de 2024.

**Aceito em:** 27 de julho de 2024.